

APOROFOBIA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: QUANDO O ÓDIO AO POBRE ATINGE OS DISCURSOS NA INTERNET

APOROPHOBIA ON DIGITAL SOCIAL NETWORKS: WHEN HATE TO THE POOR REACHES THE INTERNET SPEECH

APOROFOBIA EN LAS REDES SOCIALES DIGITALES: CUÁNDO EL ODIO A LOS POBRES LLEGA AL DISCURSO DE INTERNET

Andréa Moreira Gonçalves de Albuquerque*

Manoel Klebson de Andrade Oliveira**

Evangeline Maria de Brito Faria***

RESUMO: O ódio ao pobre tem nome próprio, aporofobia: a expressão, concebida por Cortina (2020) - designa um crime que, embora seja passivo de punição, dissemina-se nas redes sociais digitais. Neste artigo, analisamos dois blocos de comentários sobre uma campanha contra a esmola, denunciada no Instagram pelo Padre Júlio Lancelotti, sacerdote da Igreja Católica, ativista dos direitos humanos e atuante na cidade de São Paulo. A partir de uma abordagem dialógica, com os autores Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, observamos que as posições axiológicas se evidenciaram nas interações entre os internautas e foram definidoras das entonações de ódio nos discursos sobre os pobres e a pobreza. Constatamos que o embate entre os enunciadores no perfil do Instagram do padre Júlio resulta de um confronto entre cosmovisões opostas. Uma cosmovisão conservadora favorável ao *apartheid* social e comprometida com a concentração de renda e privilégios nas classes mais abastadas em oposição a um posicionamento progressista, distribucionista de renda e defensor dos direitos e oportunidades iguais para todos e todas. Na raiz deste fenômeno, está a replicabilidade, o maniqueísmo e a violência discursiva, praticada e incentivada inclusive por autoridades políticas e governamentais, que aumenta os danos à democracia e à convivência em sociedade.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Bolsista Capes. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas (Ufal): <https://orcid.org/0000-0002-3298-3975>. E-mail: andreamoreira@gmail.com

** Doutorando e mestre do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Bolsista Capes. Docente na APESU Ensino Superior de Pernambuco LTDA e na Associação Instrutora Missionária de Olinda-PE: <https://orcid.org/0000-0001-5496-396X>; klebson.oliveira@gmail.com.

*** Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): <https://orcid.org/0000-0003-2114-1913>; evangelinab.faria@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Aporofobia; 2. Comentários no Instagram; 3. Discurso de ódio; 4. Análise dialógica do discurso.

ABSTRACT: The hate for the poor people has its own name, aporophobia: the expression, conceived by Cortina (2020) - designates a crime that, although subject to punishment, is disseminated in digital social networks. In this article, we analyze two blocks of comments about a campaign against alms, denounced on Instagram by Father Júlio Lancelotti, priest of the Catholic Church, human rights activist and active in the city of São Paulo. From a dialogic approach, with the authors Bakhtin, Medvedev and Voloshinov, we observed that the axiological positions were evident in the interactions between the internet users and were defining the intonations of hate in the speeches about the poor and poverty. We found that the clash between the enunciators on Father Júlio's Instagram profile results from a confrontation between opposing cosmovisions. A conservative cosmovision in favor of social apartheid and committed to the concentration of income and privileges in the more affluent classes in opposition to a progressive position, income distribution and defender of equal rights and opportunities for all. At the root of this phenomenon there is the replicability, the Manichaeism and the discursive violence, practiced and encouraged even by political and governmental authorities, which increases the damage to democracy and coexistence in society.

KEYWORDS: 1. Aporophobia; 2. Comments on Instagram; 3. Hate speech; 4. Dialogic Discourse Analysis.

RESUMEN: El odio al pobre tiene nombre propio, aporofobia: la expresión - concebida por Cortina (2020) - designa un delito que, aunque sujeto a castigo, se difunde en las redes sociales digitales. En este artículo, analizamos dos bloques de comentarios sobre una campaña contra la limosna, denunciada en Instagram por el padre Júlio Lancelotti, sacerdote de la Iglesia Católica, activista de derechos humanos y activo en la ciudad de São Paulo. Desde un abordaje dialógico, con los autores Bakhtin, Medvedev y Voloshinov, observamos que las posiciones axiológicas se evidenciaban en las interacciones entre los internautas y definían las entonaciones de odio en los discursos sobre los pobres y la pobreza. Encontramos que el choque entre los enunciadores en el perfil de Instagram del padre Júlio resulta de una confrontación entre cosmovisiones opuestas. Una cosmovisión conservadora a favor del apartheid social y comprometida con la concentración de la renta y los privilegios en las clases más acomodadas en contraposición a una posición progresista, distributiva de la renta y defensora de la igualdad de derechos y oportunidades para todos. En la raíz de este fenómeno está la replicabilidad, el maniqueísmo y la violencia discursiva, practicada y fomentada incluso por las autoridades políticas y gubernamentales, lo que aumenta los daños a la democracia y la convivencia en sociedad.

PALABRAS CLAVE: 1. Aporofobia; 2. Comentarios en Instagram; 3. El discurso del odio; 4. Análisis Dialógico del Discurso.

1 INTRODUÇÃO

2022: 33,1 milhões de pessoas no Brasil não têm o que comer. Foi o que revelou o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia do Covid-19 no País¹, lançado em junho de 2022. Em pouco mais de um ano, foram 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome. A edição 2022.1 da pesquisa mostrou que mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau – leve, moderado ou grave (fome). O Brasil regrediu para um patamar equivalente ao da década de 1990.

Fome quer dizer extrema pobreza. A pesquisa *Desigualdade de impactos trabalhistas na pandemia*, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrou que, em seis meses, com a Pandemia do Covid-19, o número de brasileiros pobres triplicou (FGV, 2021)². De acordo com a FGV Social, em 2021, quase 28 milhões de pessoas viviam abaixo da linha da pobreza no País. Em 2019, antes da pandemia, eram 23 milhões nesta situação. À medida em que a fome e a miséria avançam, um tema volta à discussão: o ódio, o nojo, a aversão dos brasileiros aos pobres e à pobreza evidenciada tanto nas ruas das cidades quanto na linguagem cotidiana de seus cidadãos.

Em tempos sombrios de guerras e crises migratórias sucessivas, pandemia, retrocessos nas conquistas sociais e democracia em risco, esse tipo de aversão ganhou nome próprio e conceito específico: aporofobia. A palavra foi inventada pela filósofa Adela Cortina, professora emérita da Universidade de Valência: “aporofobia”, do grego *á-poros*, sem recursos, indigente, pobre; e *fobos*, medo; refere-se ao medo, rejeição, hostilidade e repulsa às pessoas pobres e à pobreza.

Na linguagem, a expressão sintetiza conjuntos de enunciados tão corriqueiros que chegam a ser banalizados e, por isso mesmo, merecem ser denunciados, pois materializam, em formas linguísticas, a violência discursiva contra uma população que já sofre outras formas de agressão, dentre as quais o imobilismo no andar de

¹ Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/#:~:text=Em%202022%2C%2033%2C1%20milh%C3%B5es,pouco%20mais%20de%20um%20ano>. Acesso em: 22/08/2022.

² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-09/fgv-mais-pobres-sofrem-maior-impacto-na-pandemia>. Acesso em 10/01/2023.

baixo ou até mesmo no subterrâneo da invisibilidade ou do extermínio físico e simbólico.

Aliás, a denúncia sobre o preconceito contra os pobres é marcante na obra do sociólogo Jessé Souza (2017), para quem esse tipo de agressão cristaliza o sentimento de superioridade dos “cidadãos brancos” sobre os “subcidadãos negros”, um nítido remanescente da escravidão no Brasil, uma das mais longas da história universal e, até hoje, ainda presente na cultura brasileira.

Este cenário é objeto de críticas contundentes do padre Júlio Lancelotti, da Pastoral do Povo de Rua, em São Paulo. Ativista dos direitos humanos, Lancelotti tem usado as redes sociais para criticar o que ele classifica como mensagens típicas de aporofobia que o poder público, empresas privadas, cidadãos abastados transmitem por meio de intervenções que realizam nas cidades. É o que ele nomeia de “arquitetura hostil” com suas pedras pontudas nas calçadas, grades que dividem bancos, espetos de ferro pontiagudos nos muros, paralelepípedos espalhados sob viadutos e pontes.

Pároco de uma Igreja que tem nome de anjo, São Miguel Arcanjo, Pe. Júlio assumiu, dentre outras, a missão de cobrar uma arquitetura que permita aos moradores de rua exercerem o direito deles às calçadas, aos vãos cobertos, aos bancos das praças da cidade. Alguns comentários nas postagens de Lancelotti no Instagram foram tão violentos contra os pobres e tão ameaçadores que o padre suspendeu a interatividade do perfil dele e precisou pedir a proteção da Anistia Internacional.

Pela mídia tradicional e pelas próprias redes sociais, a luta de Lancelotti ganhou visibilidade inclusive no exterior, fez emergir outras denúncias de aporofobia e, infelizmente, mais comentários violentos contra os pobres. Até uma campanha contra a esmola já se espalhou pelo Brasil. Em cartazes, placas e *banners*, afixados nas ruas e até nas igrejas (católicas e evangélicas), o apelo é: “Não dê esmolas! Dar esmola colabora para a permanência das pessoas nas ruas”. Padre Júlio Lancelotti classifica a campanha como aporofóbica.

Neste artigo, vamos analisar a aporofobia em um conjunto de comentários de internautas sobre esta campanha. Partimos da hipótese de que o ódio aos pobres vem sendo inoculado inclusive por autoridades e lideranças políticas que deveriam combatê-lo. Consequentemente, o fenômeno vem ganhando força nas redes sociais digitais. Situamos essa prática social no contexto da violência discursiva, do discurso

do ódio a partir dos escritos de Souza, Butler, Rosenfeld, Brugger. Do ponto de vista da linguagem, ancoramos nossa análise na perspectiva dialógica, inaugurada pelos autores Mikhail Bakhtin, Pavel Medviédev e Valentin Volóchinov (doravante B.,M.,V.).

2 MARCO TEÓRICO

Na Análise Dialógica do Discurso (ADD), partimos da concepção de linguagem como atividade praticada por sujeitos autônomos e responsáveis por seus atos. Nessa perspectiva, o discurso compreende a plenitude da palavra, isto é, seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra conceito) e seu aspecto emotivo-volitivo (a entonação da palavra), em unidade, inserida em uma experiência real, vivida e moldurada por valores e um contexto que a determina, sempre de forma dinâmica. As noções para o estudo da linguagem, nessa abordagem, podem ser melhor apreendidas pelo conjunto da obra de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov (B.M.V), autores que abriram esse caminho diferenciado para o estudo do discurso, já nas primeiras décadas do século XX, a partir de uma compreensão da língua em sua integridade concreta e viva, constituída nas relações dialógicas entre enunciadores únicos e singulares.

Dito de outra maneira, de acordo com a abordagem dialógica, as palavras não têm um sentido dado, têm significação potencial, adquirem sentido como enunciados, isto é, no uso, na interação entre interlocutores específicos, em esferas de atividade nas quais há formas de expressão típicas. Na experiência da linguagem enquanto acontecimento concreto e vivo, tanto o enunciator quanto o destinatário se formam no pulsar das relações dialógicas que se distinguem da prática do diálogo na busca por um entendimento ou por um consenso. Para a ADD, a linguagem é “[...] inteiramente heterodiscursiva: é uma coexistência concreta de contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente” (BAKHTIN, 2015, p. 66).

2.1. Gênero, Diálogo, Vozes, Pontos de Vista

A ADD se fundamenta na linguagem concebida como um fenômeno constituído de enunciados formulados em intercâmbios entre os enunciadores,

segundo características das esferas de atividade geradoras de tipos específicos e relativamente estáveis de comunicação social, os assim chamados “gêneros discursivos”. Há um estudo específico de Bakhtin e muitas referências aos gêneros feitas por ele e seus pares devido a importância do tema nessa abordagem. Para B.M.V., os gêneros são: situações típicas da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2017); formas características da totalidade de qualquer criação (MEDVIÉDEV, 2017); estruturas tipo que constituem, organizam, constroem, completam a forma gramatical e estilística de uma dada forma de intercâmbio comunicativo (VOLOCHINOV, 2017).

O gênero que analisaremos é o comentário, uma prática discursiva na qual, a partir de um texto fonte, o internauta constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, com sentidos múltiplos, explícitos e subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu ponto de vista (CUNHA, 2012, p. 28). Para Recuero (2014), os comentários não apenas sinalizam a participação, mas trazem uma efetiva contribuição para o diálogo (RECUERO, 2014, p. 120). Logo, ao comentar uma publicação, o internauta dialoga, interagindo com o perfil, com o autor da publicação e com os outros usuários em rede.

Esse diálogo assim estabelecido nos comentários ganha um sentido mais amplo do que aquele que pode ser apreendido apenas a partir do conteúdo, do material e das formas da linguagem tomadas isoladamente. Isso porque a perspectiva dialógica nos leva a observar os fenômenos da linguagem a partir das relações de alteridade intrínsecas, constituintes de todo e qualquer ato discursivo. São relações que Bakhtin identificou como integrantes de três momentos fundamentais: “eu-para- mim, o outro para mim e eu para o outro” (BAKHTIN, 2017, p.114), em torno dos quais ocorrem os confrontos entre os valores científicos, estéticos, políticos, éticos e sociais, representados como “vozes sociais”.

Na trama das relações dialógicas, essas vozes sociais são os diferentes posicionamentos e pontos de vista em confronto entre os enunciadores da linguagem, cujo processo de construção se dá em um permanente inacabamento seja no contexto da situação imediata do intercâmbio comunicativo seja no contexto do grande tempo da história. Cabe-nos perscrutar esses posicionamentos axiológicos envolvidos na materialidade discursiva em análise, a partir da verificação dos propósitos enunciativos, implícitos ou explícitos nos tons emotivo-volitivos, nos

modos de nomear pessoas ou acontecimentos e, especificamente nos comentários, nas maneiras de reportar o discurso alheio.

A questão fundamental é que o enunciador tem sempre um interesse, um propósito quando retoma o discurso do outro: apreciar, julgar, reforçar seu ponto de vista, desenvolver o seu discurso, usar como argumento de autoridade, explicar, criticar, refutar etc. A posição em relação ao discurso do outro manifesta-se nas formas de enquadramento dos dizeres do outro, nos comentários prévios ao discurso citado, nas reacentuações, na escolha das palavras, nas formulações etc. (CUNHA, 2017, p. 27).

Na compreensão dialógica das relações sociais, reconhecidas e codificadas, inclusive por meio da linguagem, os pontos de vista explicitam “a singularidade de cada um, a sua unicidade, a sua insubstituibilidade, a peculiaridade das suas relações, dos seus vividos, das suas coordenadas espaço temporais e axiológicas, a irrevogabilidade da responsabilidade sem álibi” (PONZIO, 2017, p.19). Esta responsabilidade sem desculpa vai muito além de uma consciência puramente teórica pois trata-se da atividade de um sujeito capaz de “encarnar-se em um ser humano real, efetivo, pensante para o mundo todo do existir que lhe é inerente enquanto objeto de seu conhecimento, no existir do evento histórico real, simplesmente como seu momento” (BAKHTIN 2017, p. 48-49).

2.2. Replicabilidade, maniqueísmo, discurso de ódio

A necessidade de interagir e vivenciar experiências características do seu tempo tem levado multidões de sujeitos a se inserirem no ambiente sócio-discursivo da internet, isto é, a cadastrarem seus perfis em muitas interfaces de comunicação, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *Snapchat* e o *WhatsApp*³. Essas

³ *Facebook* - rede social gratuita que conecta pessoas de várias partes do mundo. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. *Instagram* - rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Tumblr* e o *Flickr* (esse dois últimos, redes sociais de fotos). A partir dele, é possível aplicar filtros (efeitos) e compartilhar com os amigos. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. *Twitter* - rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do *website* do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento. As atualizações são feitas em, no máximo, 140 caracteres. Disponível em: <https://twitter.com/login?lang=pt>. *Snapchat* – aplicativo de mensagens com base de imagens e mensagens instantâneas voltada a celulares Android e iOS. Disponível em: <https://www.snapchat.com/l/pt-br/>. *WhatsApp* - aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por

plataformas evoluíram a tal ponto, que deixaram de ser apenas um meio de comunicação verbal e hipertextual e passaram a ser, também, verbo-visuais e em tempo real. Com todos esses recursos à disposição, Recuero (2016, p. 18) afirma que essas redes sociais se transformaram efetivamente nas novas esferas públicas, pois, além de proporcionarem a circulação de notícias locais e mundiais e a discussão de temas relevantes na sociedade, permitem o compartilhamento de conteúdo e opiniões pessoais.

Toda essa amplitude de possibilidades, ao despertar a adesão dos internautas, multiplica as interações e torna as redes sociais um gigantesco suporte na influência das decisões e dos posicionamentos ideológicos. Porém, as interações *on-line* são sempre representações das reações dos internautas, publicadas e compartilhadas no ambiente virtual, já que não há um contato face a face entre os envolvidos. Em muitas situações, inclusive, eles estão expostos ao contato com perfis inventados com o objetivo exclusivo de defender uma ideologia.

Muitas vezes, essa defesa é realizada por enunciadores pagos que não medem esforços para publicar conteúdos que alicercem o seu ou um dado ponto de vista ou que difamem quem pensa diferente. Nesses casos, confirma-se que as relações nas redes sociais na internet se resumem à “construção de perfis de atores” (RECUERO, 2014, p. 131) em torno das quais surge um complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos que merecem atenção: “Não porque a existência de ‘redes sociais’ ou sua análise sejam algo novo, mas porque sua reinscrição no ciberespaço apresenta novos elementos e novas dinâmicas para seu estudo (RECUERO, 2009, p.61).

Nessa imensa ciberesfera pública, os pontos de vista circulantes contra os pobres e seus defensores vêm ganhando impulso em grande medida devido às próprias características da internet e das redes sociais digitais. Principalmente pelo clima de radicalização reinante na *Web*: em torno de qualquer assunto, formam-se dois ou mais blocos de opinião contrastantes, sem nenhum espaço para mediações, quase sempre sem fundamentação e, rapidamente, com o recurso a ofensas pessoais.

A internet banaliza um tipo de maniqueísmo radical que acaba por interditar um autêntico debate de ideias, bloquear o espaço do contraditório e facilitar a mera

reprodução de preconceitos. Aferrados às suas crenças, construídas e consolidadas pelos mecanismos de seleção de dados e informação existentes em todas as plataformas digitais, todos se movem discursivamente uns contra os outros e criam um ambiente propício a uma espécie de maniqueísmo discursivo (FORSTER *et al.* 2021).

Um fator apontado por Recuero (2017) que permite o trânsito mais rápido dos discursos de qualquer ordem nas redes sociais *on-line*, sem espaço para grandes reflexões, é a “replicabilidade” dos conteúdos: “Como as interações permanecem no espaço *on-line*, elas são mais facilmente replicadas, e a informação pode circular mais rapidamente” (RECUERO, 2017, p. 14). Aliada à replicabilidade, a permanência indefinida dos conteúdos garante também um alto índice de buscabilidade, o que constitui um ecossistema de produção e reprodução de conteúdos capaz de provocar interferências com alto risco de danos para as estruturas sociais.

Dentre esses danos, Recuero (2017) destaca alguns, com base em Boyd & Ellison (2010): (1) as audiências invisíveis, ou seja, não completamente discerníveis para quem com elas está interagindo; (2) o colapso dos contextos, o que contribui para aumentar o potencial de interações conflituosas; e (3) o borramento das fronteiras entre o público e o privado, o que acaba por ampliar a exposição dos atores sociais, seja aqueles que se expõem seja aqueles que são expostos nas redes sociais digitais (BOYD & ELLISON, 2010; RECUERO, 2017).

Estudos recentes comprovam que a replicabilidade, a buscabilidade e o maniqueísmo retroalimentam os discursos da intolerância, do ódio e da violência na internet. Quanto ao conceito de discurso de ódio, ele é complexo e interconectado a outros conceitos como liberdade de expressão, intimidade e privacidade dos indivíduos, direitos das minorias hegemônicas, dignidade da pessoa humana e preservação da identidade de grupos sociais. Brugger (2007) o define como: “O conjunto de palavras que traz o potencial de insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião; ou que tem a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação” (BRUGGER, 2007, p.118).

Segundo Rosenfeld (2001), há pelo menos dois tipos de discursos de ódio: em forma, que são aquelas manifestações explicitamente odiosas; e em substância, a modalidade velada do discurso do ódio; o discurso do ódio em substância pode se apresentar disfarçado por argumentos de proteção moral e social (o que, no

contexto de uma democracia em fase de consolidação, como a brasileira - ainda marcada pela reminiscências de uma ditadura relativamente recente - pode provocar agressões a grupos não dominantes). Esse tipo de discurso produz violência moral, preconceito, discriminação e ódio contra grupos vulneráveis e intenciona articuladamente a sua segregação (ROSENFELD, 2001).

Para Butler (2021), a linguagem opressora do discurso do ódio, “é em si mesma uma conduta violenta, que visa submeter o outro, desconstruindo sua própria condição de sujeito, arrancando-o do seu contexto e colocando-o em outro onde paira a ameaça de uma violência real a ser cometida” (BUTLER, 2021, p. 23). O discurso do ódio, nesse caso, emerge da recusa do enunciador compreender os acontecimentos e as vidas que descreve e a injúria é a apenas uma nascente produtora do ódio que não termina quando o enunciado encontra o sujeito objetificado: “Ali, o enunciado instala-se em sua nova morada, um ser agora odiado [...] e ao entrar em comunhão com outros discursos odiosos da comunidade, acaba, de alguma forma, por validá-los, construir sentidos comuns, pelos quais é impossível inclusive definir responsabilidades” (BUTLER, 2021, p.23).

2.3. Aporofobia e ódio à “ralé”: crimes de ódio

O repúdio, a aversão ou o desprezo pelos pobres ou desfavorecidos economicamente foram nominados por Adela Cortina como aporofobia e hoje é considerado também como um “crime de ódio”. A partir de uma visão econômico-social da vida, Cortina explica que os seres humanos se dividem entre ricos e pobres, divisão esta que se reproduz na formação dos grupos de convivência social. Desse autêntico *apartheid* social, emergem diversos discursos de exclusão ligados a questões de orientação sexual, gênero, raça, religião, etnia, dentre outras. Cortina (2020) afirma que “há muitos racistas e xenofóbicos, mas quase sempre todos são aporofóbicos” (CORTINA, 2020, p. 28). Portanto, a aporofobia surge no cenário de exclusão social, do sistema capitalista, no qual o valor da pessoa existência é determinado por sua posição na balança do acúmulo de capital.

Cortina (2020) diz que a pobreza “é a carência dos meios necessários para sobreviver, porém não apenas isso, [...] pobreza é a falta de liberdade, a impossibilidade de levar a cabo os planos de vida que uma pessoa tenha razões para valorizar” (CORTINA, 2020, p. 53). Portanto, além de experimentarem o

desvalor, os pobres são escravizados à medida que sequer reúnem as condições financeiras de construir seus projetos de vida. Um quadro agravado pelas práticas aporofóbicas que, segundo Cortina (2020), crescem na mesma proporção do nacionalismo que torna os pobres, assim como os estrangeiros, invisíveis, indesejáveis e dispensáveis.

No Brasil, o neologismo “aporofobia” trata de um problema antigo. Jessé Souza (2015) escalou para o vocabulário científico o termo “ralé” que, no linguajar do povo, sempre descreveu esta gente petrificada e condenada a ficar no “andar baixo” ou pior no subterrâneo da invisibilidade e do extermínio. O que Souza esclarece é que o ódio pela “ralé” é antológico na nossa sociedade:

[...] a classe média desenvolve uma mistura de medo e de raiva em relação aos pobres em geral. Com relação aos pobres que a serve, a relação pode se tornar, eventualmente, mais ambígua, especialmente nas frações mais críticas que tentam desenvolver mecanismos de compensação para sua “culpa de classe”. Mas a regra é o sadismo mesmo nessas relações mais próximas de modo muito semelhante ao tratamento dos escravos domésticos na escravidão. A continuidade é óbvia. (SOUZA, 2017, p.9).

Nos últimos cinco anos, o sadismo contra os pobres tem sido impulsionado e se torna ainda mais ameaçador quando se materializa na impolidez - ou melhor, na agressividade - diária com que frequentemente se referem ao cidadão comum e trabalhador o Presidente da República, Jair Bolsonaro, e alguns membros de sua equipe de governo, desde o início ao fim sua gestão entre 2018 a 2022. São muitos os exemplos de enunciados bolsonaristas aporofóbicos, dos quais destacaremos três, a título de exemplo.

Em sua primeira entrevista televisiva depois que a pandemia chegou ao Brasil, Bolsonaro disse: “Vão morrer alguns pelo vírus? Sim, vão morrer! Vai acontecer? Vai acontecer, lamento! Mas essa histeria prejudica a economia”⁴. O primeiro caso oficial de morte por Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 12 de março de 2020 e, até o dia 31 de maio de 2021, um total de 462.966 pessoas tinham falecido no Brasil por conta da covid-19⁵. Ao se referir à política cambial do Brasil no Governo Bolsonaro, o Ministro da Economia, Paulo Guedes criticou os tempos em que o dólar ficava em patamares mais baixos e permitia o acesso das camadas

⁴ Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-aporofobia-do-bolsonarismo/>. Acesso em: 22/08/2022.

⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/#404>. Acesso em: 22/08/2022.

populares a viagens para o exterior, por exemplo: “(...) [Era] todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para a Disneylândia, uma festa danada”⁶.

O empresário bolsonarista Luciano Hang atacou o padre Júlio Lancelotti e a Igreja Católica no WhatsApp. Escreveu que os padres que ajudam os pobres estão errados e que a Igreja é “cúmplice das mazelas do PT”. “Não podemos dar moleza para essa turma só porque são padres”, escreveu Hang, que foi condenado pela Justiça de São Paulo a pagar por danos morais ao padre Júlio por ter chamado o sacerdote de “bandido” no grupo de WhatsApp Empresários & Política⁷.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Para as nossas análises, selecionamos dois blocos com os primeiros comentários da publicação do perfil do *Instagram* de Padre Júlio Lancellotti. São referentes a cartazes que vêm sendo afixados em alguns lugares públicos de cidades do sudeste e sul do país no qual se vê o seguinte apelo: “Não dê esmola. Dê oportunidade”. No caso do cartaz que ilustra este artigo, a mensagem sugere um número de telefone por meio do qual o destinatário do enunciado, em tese, pode encaminhar as pessoas em situação de vulnerabilidade aos programas e ações sociais mantidas pela prefeitura, no caso do Balneário de Camboriú, no Estado de Santa Catarina, Região Sul do Brasil.

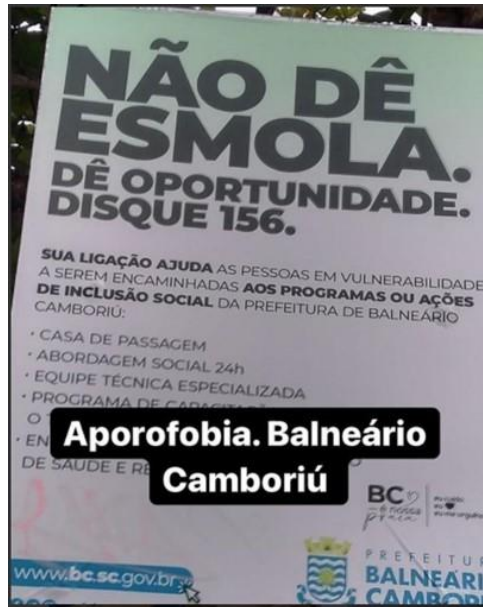
De maneira aleatória, dividimos o corpus em dois blocos de comentários. O primeiro bloco traz os comentários concordantes com o teor da publicação. O segundo bloco traz os comentários com o discurso de ódio entre os internautas, ataques contra padre Júlio Lancellotti e contra quem é a favor do trabalho dele. Os comentários foram transcritos exatamente como se apresentam na internet, inclusive com os erros de digitação e redação segundo a gramática normativa da língua portuguesa.

A seguir, foto publicada no Instagram do Padre Júlio Lancelotti⁸ que gerou os comentários:

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/domestica-ia-para-disney-com-dolar-barato-diz-guedes-uma-festa-danada.shtml>. Acesso em: 22/08/2022.

⁷ Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/hang-e-condenado-por-ofender-padre-lancelotti-em-grupo-de-whatsapp> Acesso em 22/08/2022.

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXJfNzpl80W/>. Acesso em 09/12/2021.



Fonte: Instagram/ Padre Júlio Lancelotti.

Figura 1: Cartaz referente à campanha contra a esmola.

1º Bloco:

1. [daniel mribeiro26](#) Não vejo problema nas esmolas, até porque a fome não espera. Entretanto, ações filantrópicas pontuais e esporádicas não vão ao cerne da questão social. É preciso o desenvolvimento de estratégias e políticas públicas permanentes para resgatar a autonomia individual de pessoas em situação de extrema vulnerabilidade.
2. [dj.danibrasel @daniel mribeiro26](#) Daniel essa é minha dúvida. Por esse cartaz ali me parece ser algo da prefeitura ou seja de política pública e não algo esporádico. O erro é o falar em não dar esmola justamente por isso que você mencionou. Quem tem fome tem pressa. Agora em relação aos outros pontos do cartaz não entendi a crítica. O que se espera no lugar disso?
3. [rita Almeida8538](#) Este local é muito conservador e burguês só poderíamos esperar este ódio todo. 🍷🍷🍷
4. [flavio.jabbur](#) Dar esmolas é uma das Obras de Misericórdia corporais. Todo católico devia saber e praticar 🙄 Catecismo da Igreja Católica, 2447.
5. [fabiofranco gyn](#) Queria saber o que eles fazem se a gente "encaminhar" alguém. Será que eles dão uma casa e comida até essa pessoa se estabilizar? Porque é muita promessa só pra tirar a pobreza da vista pública.
6. [brlimas](#) Típico, balneário.

7. [wandinhadeberg](#) A oportunidade deve estar numa lâmpada maravilhosa do Aladim!

No primeiro bloco de comentários, observamos um diálogo entre enunciadores que se posicionam no espectro dos sujeitos favoráveis a uma sociedade inclusiva e igualitária, na qual o Estado deve promover e dar continuidade às políticas públicas de desenvolvimento humano e social permanente em vista da distribuição de renda, direitos e oportunidades.

O primeiro comentário desse bloco, de *@daniel_mrubeiro26*, evidencia a urgência de se combater a fome, sem a necessidade de espera de uma ação mais “pontual”. Uma intervenção social para o problema da fome sugerida é pensar em políticas públicas que restaurem a dignidade de quem não tem o que comer. O internauta compreende que o básico para todo ser humano é a alimentação e dialoga com o contexto no qual o Brasil está inserido: o da insegurança alimentar e da miséria acentuada pela pandemia do Covid-19, exposta pelas mídias digitais. Ele concorda com a publicação do padre Júlio ao expor o seu ponto de vista e cobrar das autoridades políticas um trabalho eficaz com pessoas em situação de vulnerabilidade.

O comentário de *@dj.danibrasel* responde diretamente a *@daniel_mrubeiro26* questionando-o quanto às críticas às ações listadas no cartaz que não lhe parecem esporádicas, mas permanentes e integrantes de uma política pública, portanto, com programas, projetos e ações contínuas. A internauta concorda com a chamada para encaminhar os pobres para um dos programas sociais listados no cartaz, mas discorda da sugestão de não dar esmolas e questiona: “O que se espera no lugar disso?” Neste bloco de comentários, *@dj.danibrasel* é a única internauta que, além de concordar com a denúncia do padre Júlio, ratifica a maioria dos enunciados do cartaz.

Os enunciados do cartaz despertam argumentos políticos e religiosos na discussão: posicionamentos axiológicos que influenciam nos comentários e mostram a intrínseca relação entre as duas esferas ideológicas evidenciadas nas redes digitais. A internauta *@rita Almeida8538* não demonstra nenhuma surpresa com essa atitude expressa no cartaz, pois considera a rejeição aos pobres uma característica provável da população de Camboriú, um lugar descrito como conservador e burguês. Com os emojis 🤗🤗🤗 ela exprime o amor em contraste com o ódio da população local e em concordância com os valores pregados pelo padre Júlio.

@flavio.jabbur lança mão das próprias exigências codificadas no Catecismo Católico para defender o ato de dar esmolas contestado no cartaz. Com o emoji 🤔, que no glossário correspondente é expressão de surpresa e crítica, @flavio.jabbur condena a aparente ignorância dos católicos sobre o tema. Já @fabiofranco_gyn denuncia uma possível postura eugenista da prefeitura no trato com os cidadãos em situação de rua. Segundo o internauta, os políticos preferem esconder a pobreza. @brlimas arremata, afirmando que essa postura é “típica” de balneários, ou seja, locais para turistas e veranistas. E @wandinhadeberg retoma a o tema das oportunidades que, para ela, não passa de um conto das mil e uma noites como aquele do gênio e da “lâmpada do Aladin”.

2º Bloco

8. [riversonsouzateixeira](#) Esse povo do Sul deveria se mudar pra Europa. Já que se acham diferentes. Mas é q ã tem condição pra viver lá, e ficam por aqui Vomitando Arrogância.
9. [ligiaeccel](#) [@riversonsouzateixeira](#) não são todos iguais, sou do sul não sou igual.
10. [riversonsouzateixeira](#) [@ligiaeccel](#) sai daí q ainda da tempo.
11. [rafagm](#) [@riversonsouzateixeira](#) não fala merd4 ignOrante, não generalize teu comentário
12. [riversonsouzateixeira](#) [@ rafagm](#) vai se fuder. Posto o q quero, não pra te agradar ok. Tá preocupada comigo ? Toma soda cáustica.
13. [riversonsouzateixeira](#) [@sifuentes](#) sifuentes, vá sifuder. Kkkkkkkkkk nem vc pagando encosto nesse lombo todo estragado. Vai lavar esse orifício com soda cáustica gazela nórdica. (só q não) kkkkkkkk
14. [ligiaeccel](#) [@riversonsouzateixeira](#) não, não vou sair amo o sul aqui é maravilhoso, as pessoas de direita não nos importa, somos de esquerda e continuaremos sendo, nós e muitas pessoas daqui não concordam com os demais.
15. [riversonsouzateixeira](#) [@ligiaeccel](#) parabéns pela luta !
16. [alexandre.ribas.adv](#) [@riversonsouzateixeira](#) xenofobia
17. [riversonsouzateixeira](#) [@alexandre.ribas.adv](#) kkkkkkkk me prove o contrário !
18. [franco.pereira.75033](#) Leva pra sua casa padre
19. [neywagner](#) [@franco.pereira.75033](#) ele levou, inclusive adotou.

20. [letticiapalma @franco.pereira.75033](#) cala sua boca car4lh0, já não ajuda em nada e quer falar mal de quem ajuda

21. [bellvalverde](#) Bolsominions que chama né????

O internauta [@riversonsouzateixeira](#) se posiciona como cidadão do Norte ou Nordeste do Brasil que polemiza com os cidadãos do sul do país. Um ponto de vista que retoma um discurso xenofóbico. Salienta que os sulistas se acham “diferentes” e, por isso, deveriam se mudar para a Europa, ou seja, expressa uma atitude emotiva-volitiva separatista; e emprega o verbo “vomitar”, de forte caráter negativo para fechar sua definição de atitude arrogante. [@ligiaeccel](#) contesta [@riversonsouzateixeira](#) com elegância, mas ao se dizer diferente, afirma que existem os arrogantes e preconceituosos contra os pobres e diferentes. Ao que o seu interlocutor [@riversonsouzateixeira](#) responde com ironia, convidando-a a sair daquela região.

A partir daí, inicia-se um confronto marcado por uma linguagem rude e palavrões entre [@_rafagm](#) e [@riversonsouzateixeira](#) que vão se replicando em ataques e contra-ataques, como típicos poluentes do ambiente discursivo. [@ligiaeccel](#) retruca que não vai deixar o sul pela predominância “da direita” na região e se afirma “da esquerda”. [@riversonsouzateixeira](#) parabeniza [@ligiaeccel](#) pela luta. [@alexandre.ribas.adv](#) acusa [@riversonsouzateixeira](#) de xenofobia. Neste momento, evidencia-se a histórica polarização entre o Sul-Sudeste e o Norte-Nordeste do Brasil: o maniqueísmo associa o bem e o mal às regiões do País em um confronto que só fortalece os preconceitos e as divisões. E a discussão confronto sobre o destino dos pobres fica em segundo plano.

[@riversonsouzateixeira](#) ainda provoca [@alexandre.ribas.adv](#) a provar o contrário, aos risos (kkkkkkk). Mas não tem resposta. Nessa altura, a linguagem impolida evolui para a provocação pessoal, com palavrões, característica dos confrontos emotivo-volitivos extremos. O discurso do ódio aqui assume uma forma clara, com adjetivação de palavras de baixo calão e ainda ganham a condição de reverberar em mais violência discursiva. De forma igualmente provocativa, mais indireta, o internauta [@franco.pereira.75033](#) incita o padre Lancelotti a levar os pobres para casa em uma clara posição de superioridade e de rejeição em relação aos pobres, subalternos, a ralé que provoca tanto nojo e repúdio a uma classe de brasileiros

mais abastados. @neywagner responde a @franco.pereira.75033 afirmando que o padre Lancelotti não só levou os pobres para casa, como os adotou.

@letticiapalma reage com violência à provocação e manda @franco.pereira.75033 calar a boca. Acusa o interlocutor de omissão e incoerência. A internauta @bellvalverde aproveita a deixa e completa que os omissos e incoerentes têm o nome de “Bolsominions”, termo pejorativo usado por opositores do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, para se referirem a um segmento de seus apoiadores. A palavra é uma junção de “Bolso”, do nome próprio Bolsonaro, e do termo inglês “minion”, que quer dizer servo ou laçao.

Toda a discussão foi permeada pela heterodiscursividade, pelo confronto dialógico entre pontos de vista, com posições axiológicas opostas, representativas de vozes sociais distintas. A aporofobia se evidenciou de maneira mais ou menos contundentes.

22. [ildocosta](#) Isso é uma corrente nacional, que está se espalhando pelo Brasil todo?

De onde vem essa ideia de não dar esmola?

Dentre os comentários selecionados para análises, encontramos o de @ildocosta que desperta a indagação sobre a origem da ideia de não dar esmolas e salienta que esse tipo de campanha já se tornou uma corrente nacional. A opinião do internauta confirma uma tendência aporofóbica preocupante que merece ser denunciada e combatida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos comentários no Instagram do Padre Júlio Lancelotti sobre uma campanha em curso no Brasil contra a esmola nos permitiu constatar que a aporofobia se dissemina nos comentários das redes sociais digitais. Mesmo considerado um crime, esse tipo de violência discursiva é facilitado pela replicabilidade e o maniqueísmo, característicos da internet e é uma prática crescentemente adotada e incentivada, inclusive por autoridades e formadores de opinião que deveriam combater danos como este à convivência pacífica em sociedade e à democracia brasileira.

Há fartos exemplos desse fenômeno. Aqui citamos alguns, nas falas de autoridades como o Presidente da República, Jair Bolsonaro, e o mentor econômico do governo derrotado nas eleições de 2022, o Ministro Paulo Guedes, e de

formadores de opinião como o empresário Luciano Hang, um dos seus mais fiéis partidários. Falas estas que atingiram diretamente o Padre Júlio, atuante em São Paulo e agredido por defender o direito à cidade dos cidadãos em situação de rua. A escolha da campanha para a análise se deu porque é representativa de uma tendência discursiva contrastante.

Os comentários publicados no Instagram do sacerdote e defensor dos pobres comprovam que a aporofobia emerge com força no Brasil e resulta em confronto entre posições axiológicas opostas. É típico de um posicionamento conservador, concentrador de renda e favorável à superioridade de classe e de raça, em oposição a um posicionamento progressista, distribucionista de renda, direitos e oportunidades e igualitários em relação às classes sociais e aos grupos étnicos.

De acordo com a abordagem dialógica do discurso, essas posições axiológicas são determinantes na definição da posição hierárquica, da entonação e na escolha das palavras dos enunciadores. E ratificam a importância de se combater as situações propícias à multiplicação de enunciados de intolerância, ódio e aporofobia, em boa parte responsáveis pela violência alarmante no cenário discursivo atual.

A título de desdobramento desta análise, tencionamos averiguar a aporofobia em discursos de políticos e outros formadores de opinião de modo a que a nossa produção acadêmico-científica concorra para reforçar o combate a este crime contra pessoas que já se encontram em situação de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I. A Estilística*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2017 [1923].

BOYD, D. M. & ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship, in *IEEE Engineering Management Review*, vol. 38, no. 3, pp. 16-31, Third Quarter 2010, doi: 10.1109/EMR.2010.5559139.

BRUGGER, W. Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. *Direito Público*, [S. l.], v. 4, n. 15, 2010.

Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Trad. Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Tradução de Daniel Fabre – São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. [recurso digital]

CUNHA, Dóris Arruda C. da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Investigações*, v. 25, n.2, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/338/283>. Acesso em 20 de julho de

CUNHA, Dóris Arruda C. Um olhar sobre vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no Jornal Nacional da Rede Globo. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017.

FORSTER, Renê; CARVALHO, Rodrigo Monteiro de; FILGUEIRAS, Alberto; AVILA, Emanuelle. *O Que É, Como Se Faz E Por Que Funciona?* Scielo Preprints, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3294>. Acesso em 22 de março de 2022.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal dos estudos literários. Introdução a uma poética sociológica*. São Paulo: Editora Contexto, 2016

OLIVEIRA, Paloma. *O que é aporofobia? Quais suas consequências na sociedade?* Disponível em: <https://palomaadv10.jusbrasil.com.br/artigos/862231507/o-que-e-aporofobia-quais-suas-consequencias-na-sociedade#:~:text=Por%20esses%20motivos%2C%20tramita%20na,%2C%20ou%20seja%2C%20a%20aporofobia>. Acesso em 14/03/2022.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato. *In Para Uma Filosofia do Ato Responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2017 [1923].

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2014a.

RECUERO, R. *Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook*. Verso e Reverso, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, RS, 2014b.

RECUERO, R. Discurso mediado pelo computador nas redes sociais. *In. Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* Júlio Araújo e Vilson Leffa (Org.). 1ª Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2016.

RECUERO, Raquel. *Introdução à análise de redes sociais*. Salvador: EDUFBA, 2017.

ROSENFELD, M. Hate speech in constitutional jurisprudence: a comparative analysis. *Law Research Paper*, New York, n. 41, abr. 2001. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=265939. Acesso em 22 de abril de 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística no discurso literário II: a construção do enunciado. In. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava-Jato*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017. SOUZA, Jessé. 2017.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. Rio de Janeiro: LeYa, 2015.

Recebido em: 29/10/2022.

Aprovado em: 21/12/2022.